

## **Intelectuais, exílio e “Rede”mocratizações conservadoras nos anos 1980**

*Claudia Wasserman\**

---

Cuadernos de Historia. Serie economía y sociedad, N° 29, 2022, pp. 233 a 255.

RECIBIDO: 22/02/2022. EVALUADO: 15/03/2022. ACEPTADO: 05/04/2022.

---

### **Resumen**

Este artículo se ocupa de la formación de redes de intelectuales chilenos, brasileños y argentinos que se instalaron en el exilio y en el período comprendido entre la crisis de las dictaduras de seguridad nacional y el período de las transiciones democráticas, es decir, entre finales de los años 70 y la segunda mitad de los años 80. El enfoque central se centra en el contexto de las redes que se formaron en el periodo de redemocratización de estos países, en el regreso del exilio, en los temas predominantes que abordaron estos intelectuales en la transición teniendo en cuenta la resistencia a los regímenes autoritarios y, sobre todo, reflexionando sobre los proyectos de futuro que tomaron en los años 80 y 90.

**Palabras clave:** historia intelectual – transición democrática – exilio político – historia contemporánea

### **Resumo**

Esse artigo se ocupa da formação de redes de intelectuais chilenos, brasileiros e argentinos que se estabeleceram no exílio e no período que vai da crise das ditaduras de segurança nacional até o período das transições democráticas, ou seja, entre o final dos anos 1970 e a segunda metade dos anos 1980. O enfoque central recai no contexto das redes que se formaram no período da redemocratização nestes países, no retorno do exílio, sobre os temas predominantes abordados por esses intelectuais na transição tendo em conta a resistência aos regimes autoritários e, sobretudo, refletindo sobre os projetos de futuro que tomaram foram nos anos 1980 e 1990.

**Palavras-chave** – História Intelectual; Transição Democrática; Exílio Político; História contemporânea

### **Summary**

This article discusses the establishment of Chilean', Brazilian' and Argentinian' intellectual' networks who settled in exile and in the period from the crisis of

---

\* Professora Titular do Departamento de História da UFRGS, Pesquisadora do CNPq. E-mail: [claudia.wasserman@ufrgs.br](mailto:claudia.wasserman@ufrgs.br)

National Security Dictatorships to the period of democratic transitions, that is, between the late 1970s and the second half of the 1980s. The central focus is about the context of the networks that were formed in the period of re-democratization in these countries, on the return from exile, on the predominant themes addressed by these intellectuals in the transition, considering the resistance to authoritarian regimes and, above all, reflecting on the projects that they thought for the future, for 1980s and 1990s decades.

**Keywords:** intellectual history – democratic transition – political exile – contemporary history



## Introdução

Esse artigo trata da formação de redes de intelectuais chilenos, brasileiros e argentinos que se conformaram entre o período da crise das ditaduras de Segurança Nacional nos três países da América do Sul no final dos anos 1970 e o da transição democrática que ocorreu a partir do início dos anos 1980. A abordagem central recai sobre o contexto da formação dessas redes no período da redemocratização nesses três países e sobre os debates realizados por esses intelectuais no período da transição, considerando a resistência aos regimes autoritários e, sobretudo, ponderando sobre os projetos de futuro que se configuraram nos anos 1980 e 1990.<sup>1</sup>

Os estudos sobre redes não avançaram muito nas ciências humanas em geral, sobretudo na historiografia, provavelmente devido às dificuldades relacionadas aos

---

<sup>1</sup> O artigo é parte de uma pesquisa mais ampla intitulada “Redes Intelectuais e transição democrática no Cone-Sul” e visa construir representações gráficas dos vínculos formados por intelectuais nesse período, mostrando as diversas interconexões entre eles e as fragmentações sofridas por algumas dessas redes no mesmo período. As representações gráficas estão em desenvolvimento, por isso o artigo se refere somente aos locais de formação das redes, aos contextos que propiciaram os vínculos e aos temas centrais discutidos pelos intelectuais na época das transições.

enfoques mais concentrados nos estudos nacionais e limitados às estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. Entretanto, quando a pesquisa recai sobre as atividades e as trajetórias dos sujeitos da ação – no caso específico dos intelectuais envolvidos no processo de transição à democracia – observa-se as interconexões entre eles. Acompanhando os percursos pessoal e profissional de alguns intelectuais latino-americanos, percebe-se a formação de verdadeiras teias de atores sociais que tiveram participação ativa nos processos de resistência às ditaduras e de redemocratização, seja no exílio, abrigados em Universidades ou institutos de pesquisa, seja publicando em revistas, seja permanecendo à sombra nos países submetidos ao autoritarismo e participando em organizações que combatiam a repressão ou em instituições de pesquisa e de diagnóstico social.<sup>2</sup> Esses atores conectados por essas redes produziram debates essenciais para a transição, contribuindo tanto para a qualidade maior ou menor da democracia em cada país e para a recomposição da identidade dos intelectuais de esquerda nesses países.<sup>3</sup> A resistência às ditaduras e o exílio colocaram em contato atores – artistas plásticos, cientistas sociais, escritores, jornalistas, músicos etc. – que em outro contexto político talvez não formassem vínculos duradouros. Nesse sentido, os “*intelectuais*” abordados nessa pesquisa são oriundos de diferentes círculos profissionais e que tinham em comum participar do debate público sobre a resistência às ditaduras.<sup>4</sup> Assim, reconheço e admito o problema de compor um corpus suficientemente coeso que

---

<sup>2</sup> Acompanhei a trajetória de três intelectuais brasileiros entre sua formação inicial, a ditadura, os exílios e o retorno ao Brasil. Está vertida para livro – Disponível: <https://editora.fgv.br/produto/a-teoria-da-dependencia-do-nacional-desenvolvimentismo-ao-neoliberalismo-3213> Rui Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos iniciaram seu percurso na Universidade de Brasília e durante o exílio no Chile, México, com passagem pelo Panamá e outros países estiveram envolvidos em redes que abrigaram outros intelectuais de esquerda e centro-esquerda do Brasil e de outros países da América Latina. Enfrentaram controvérsias, mas também tiveram que encontrar pontos em comum para enfrentar a ditadura e resistir.

<sup>3</sup> A rede se refere à “*uma estrutura de laços entre os atores de um sistema social. Estes atores podem ser papéis, indivíduos, organizações, sectores ou estados-nação. Os seus laços podem basear-se na conversação, afeto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação*”, Nohria & Eccles, 1992: 288.

<sup>4</sup> Coloquei *aspas* na palavra intelectuais porque, neste caso, nem sempre esses atores eram pessoas que desempenhavam exclusivamente atividades de natureza mental, relacionadas com intelecto; muitos eram militantes de organizações ou partidos de esquerda que também, assim como os intelectuais de ofício (jornalistas, professores, estudantes, filósofos, juristas, historiadores, cientistas sociais...), procuravam diagnosticar os problemas do país e da região, construíam cenários futuros e projetos para solução dos problemas detectados. No caso em questão, militantes e intelectuais de ofício participaram dos debates sobre a ditadura, a resistência e a redemocratização, expondo seus pontos em comum e conflitivos.

permita compreender esses grupos de intelectuais como objetos de pesquisa, especialmente porque suas controvérsias anteriores à necessidade de resistir ao mal maior e suas divergências inclusive de como resistir eram imensas.<sup>5</sup> Embora admitindo alguma dificuldade metodológica, concordo com Raymond Williams acerca da oportunidade de analisar grupos pequenos, neste caso um grupo de intelectuais:

*O grupo, o movimento, o círculo, a tendência parecem ou muito marginais ou muito pequenos ou muito efêmeros para exigir uma análise histórica ou social. Entretanto, sua importância como um fato social e cultural geral, (...), é grande: naquilo que eles realizaram, e no que seus modos de realização podem nos dizer sobre a sociedade com as quais eles estabelecem relações, de certo modo, indefinidas, ambíguas.*<sup>6</sup>

Ainda de acordo com Williams, caberia procurar “as ideias e posições que estão implícitas (...) uma vez que os conceitos aos quais tais grupos são referidos pertencem, essencialmente, às definições e perspectivas dos próprios grupos”! Em relação à produção intelectual interessa focalizar a análise “naquilo que eles realizaram, e no que seus modos de realização podem nos dizer sobre a sociedade com as quais eles estabelecem relações, de certo modo, indefinidas, ambíguas”.<sup>7</sup> Seguindo essa orientação, percebo que os debates sobre a democracia que se produziram no período das transições, e a intersecção entre democracia e socialismo foram predominantes e tiveram muita importância para a composição dessas redes.

Esses debates foram marcados por uma profunda revisão de ideias que começou durante o exílio, e que projetavam o retorno da democracia, cogitavam sobre a necessidade de uma reflexão coletiva e sobre a busca de um consenso acerca de alguns temas, tais como, qual o conteúdo da democracia, como compatibilizá-la com

---

<sup>5</sup> As divergências da esquerda começam no período imediatamente anterior as ditaduras e se referem aos defensores da revolução democrático-burguesa, aqueles que acreditavam na capacidade das burguesias “nacionais” levarem a termo reformas socioeconômicas e, por isso, defendiam a aliança com a burguesia, e, de outro lado, os defensores da revolução socialista, que não acreditavam na capacidade burguesa de levar adiante reformas sociais e, inspirados na Revolução Cubana, defendiam a luta armada contra o regime autoritário. No período da resistência segue a divergência entre a alternativa pacífica e a adesão à luta armada. No retorno do exílio, no período das transições à democracia, poucos intelectuais ainda defendiam abertamente a revolução socialista e isso se explica pelo contexto internacional pós-queda do Muro de Berlim e pelo temor de retrocessos no processo de redemocratização.

<sup>6</sup> Williams, 1999: 140.

<sup>7</sup> Williams, 1999: 140-142.

o socialismo, como lidar com o passado autoritário, como proteger-se de um possível e indesejado retrocesso e qual o papel desempenhado pelos intelectuais nessa transição.

Os debates, assim como as redes e grupos que se conformaram em torno deles, não eram isentos de conflitos e revelaram as diferenças de ideias existentes no interior das redes e entre elas durante a transição. Preliminarmente, entendo que o debate sobre a democracia e o socialismo tenha revelado a busca de uma nova identidade para os intelectuais de esquerda, mais ou menos compatível com as suas ideias e posições políticas expressas no período imediatamente anterior à implantação das ditaduras. Significa dizer que as ideias presentes nos ambientes intelectuais antes do advento das ditaduras – relativas ao socialismo, à urgência da revolução social, o apoio aos movimentos sociais, à democracia como uma demanda burguesa, entre outras – foram ressignificadas durante as ditaduras, no exílio e, mais frequentemente, sofreram alterações significativas no período das transições, desfigurando assim a própria identidade dos intelectuais de esquerda nesses três países.<sup>8</sup>

### *As transições democráticas na Argentina, Chile e Brasil*

Argentina, Brasil e Chile transitaram das ditaduras de Segurança Nacional implantadas nos anos 1960/70 para democracias limitadas aos aspectos formais entre início dos anos 1980 e início dos anos 1990. A crise foi decorrência, entre outros fatores, das denúncias feitas por organizações nacionais e internacionais sobre o desrespeito aos direitos humanos nos países da América do Sul, da resistência de organizações clandestinas de luta armada, do movimento sindical, estudantil e da sociedade civil como um todo. Ao mesmo tempo, a crise dos anos 1980 evidenciava o fracasso econômico dos regimes autoritários. A crise das ditaduras coincidia igualmente com as derrotas norte-americanas em conflitos de baixa intensidade, como a Guerra do Vietnã, e a consequente mudança na política externa dos países centrais do capitalismo que passam a considerar a necessidade de diálogo com os focos de conflito relacionados à bipolarização e impregnados pela ideologia da

---

<sup>8</sup> Significa dizer que muitas das divergências existentes no período anterior a implantação das ditaduras e no período do auge da repressão, na época que era mister resistir, foram desaparecendo para dar lugar a um consenso democrático, ainda que muitos intelectuais permanecessem críticos da “*democracia sem adjetivos*”, ver Cueva, 1988.

Guerra Fria. O debacle dos regimes autoritários corresponde também temporalmente ao colapso do socialismo e à revisão crítica dos pressupostos marxistas. Todos esses aspectos provocaram rupturas mais ou menos graves no bloco do poder militar que começou a apresentar sinais de desgaste.

As transições à democracia ocorreram por volta dos anos 1980 e podem ser classificadas em dois tipos: as transições por pacto e as transições por ruptura, além de situações intermediárias que abarcaram um pouco de cada um dos dois tipos. Em alguns casos, a ruptura e o pacto se alternavam na mesma sociedade. Assim, há casos em que se combinou esquecer o passado, mas o passado retornou com muita vitalidade as vezes muitíssimo tempo depois provocando rupturas muito significativas. Em outros casos, a ruptura inicial foi sucedida por pactos ou acordos em favor da conciliação.

Em todos os casos se tratava de finalizar uma época marcada pela perseguição aos inimigos identificados com o comunismo, com o socialismo ou com o nacional-desenvolvimentismo. Esses inimigos eram considerados inimigos internos que com a crise da ditadura e com a instauração da democracia reapareciam no cenário político ou voltavam do exílio. Da mesma forma que as ditaduras, o retorno à democracia também envolveu o medo: a direita tinha medo de avanços radicais e a esquerda temia um retrocesso ao autoritarismo. Nesse sentido, o medo que no período ditatorial desempenhou um papel importante na contenção ou na eliminação dos inimigos internos, vai atuar de modo muito significativo nas transições à democracia, assim como na instauração de políticas de passado. A memória da ditadura ficou, portanto, constantemente encapsulada nessa trama dos medos envolvidos no período de transição.

As leis de Anistia decretadas nos três países respondem a esses fatores – de um lado, ocorreram devido à pressão pela redemocratização exercida pelas esquerdas e pelos movimentos sociais organizados e, de outra parte, foram decorrência do temor dos militares em serem responsabilizados pelos crimes cometidos durante as ditaduras.

O Brasil foi o primeiro país da América do Sul onde se instalou um regime de segurança nacional, a partir do golpe de 1964, que perdurou até 1985, quando o poder foi transferido para um presidente civil. A transição no Brasil pode ser qualificada como um caso de transição negociada e pode ser definida pela lentidão,

pelo controle dos militares e pela Lei de Anistia, promulgada em 1979, que indultava as forças de segurança, o que explica o atraso na instauração de uma política do passado ou na aplicação de uma justiça de transição.

Na Argentina a amplitude sem precedentes da violação dos direitos humanos desde 1966 e com muito mais intensidade entre 1976 e 1983, junto com a forma abrupta da crise da ditadura pela derrota na Guerra da Malvinas e o decreto de auto-anistia para amparar os militares, de 1983, determinaram a instauração de políticas públicas de passado com características de ruptura. Raúl Alfonsín (1983-1989) adotou uma política de duas vertentes: punição, revogou a auto-anistia dos militares e instaurou processos contra os militares de alto mando; e verdade, com a criação da Comissão Nacional sobre a Desaparição de Personas (CONADEP). Ninguém, entretanto, ficou satisfeito com os avanços da justiça de transição, nem os militares que pressionavam o presidente para terminar com os processos e tampouco as vítimas da repressão e os familiares, que cobravam maiores progressos na justiça.

A ditadura chilena começou com o golpe de 11 de setembro de 1973 e terminou com o ditador Augusto Pinochet cedendo o governo, em 1990, ao presidente eleito Patricio Aylwin que representava a “Concertação de Partidos pela Democracia”. A eleição de Aylwin foi o ponto culminante de uma transição que começou com protestos de rua em 1983 e alcançou seu auge em 1988, quando os movimentos de resistência à ditadura conquistaram a vitória no plebiscito que dispunha sobre a ampliação do mandato de Pinochet. No entanto, a Lei de auto-anistia de 1978 e a permanência do ditador como comandante das Forças Armadas e como senador vitalício dificultavam a instauração de políticas do passado. A prisão de Pinochet em Londres, por iniciativa do juiz espanhol Baltasar Garzón, em 1998, abriu passo a um novo período para as políticas do passado no Chile, pois permitiu desbloquear um sério obstáculo à justiça de transição.

## **A resistência e a formação de redes intelectuais durante as ditaduras**

As grandes diferenças detectadas nos processos de transição dos três países no que se refere à ruptura ou negociação e, conseqüentemente, no que diz respeito à

intensidade e velocidade na discussão do passado, na instauração da verdade e de justiça determinaram igualmente os diferentes papéis assumidos pelos intelectuais em cada um dos países em debate.

Nos três países, os intelectuais de esquerda foram brutalmente afetados pelas ditaduras, seja com diminuição dramática da capacidade de manifestação política, seja com a repressão e suas consequências, seja com o exílio. Também nos três países, os intelectuais que haviam animado os debates e as elaborações teóricas acerca do socialismo e da revolução social foram silenciados.

Durante a ditadura muitos intelectuais de esquerda – escritores, artistas, jornalistas, cientistas sociais etc. – se organizaram através de redes com os objetivos de resistir à repressão, para autodefesa e visando uma reinserção profissional. Nesse sentido, os intelectuais brasileiros, argentinos e chilenos que durante a ditadura ficaram na sombra ou que estiveram no exílio, formaram essas redes que atuaram de modo muito significativo, mas também peculiar, nos três processos de transição à democracia.

Os principais contatos entre os intelectuais latino-americanos de esquerda durante as ditaduras ocorreram no exílio, sobretudo em Santiago do Chile durante o governo de Salvador Allende, entre 1970 e 1973, e na Cidade do México, as duas cidades latino-americanas que receberam a maior parte dos intelectuais exilados. As instituições acadêmicas e institutos de pesquisa nos dois países experimentavam situações de intensa euforia e crescimento, sobretudo nas áreas das ciências sociais e humanidades.

A atividade cultural do México intensificou-se especialmente por estímulo da Revolução de 1910, que permitiu a incorporação de segmentos, temas e motivos da cultura popular, com ênfase também na alfabetização massiva. Entre 1958 e 1964, o México foi governado Adolfo López Mateos, considerado um político de esquerda, que havia participado de movimento estudantil e socialista. Na sua gestão, López Mateos distribuiu enormes quantidades de terras, nacionalizou empresas de telefonia e de energia elétrica e deu apoio à Revolução Cubana, opondo-se a qualquer tentativa de Washington de derrubar Fidel Castro. O governo seguinte, de Gustavo Díaz Ordaz Bolaños (1964-1970), foi um dos mais autoritários do período, quando ocorreu o triste episódio do massacre estudantil de Tlatelolco, em 1968. Depois de

Díaz Bolaños, o México foi governado por Luis Echeverría Álvarez (1970 – 1976), responsável direto pelo massacre de Tlatelolco. Seu governo foi marcado, no entanto, pela proximidade aos regimes socialistas do Chile e de Cuba. Foi ele o responsável pelo exílio dado à viúva do presidente Salvador Allende, Hortensia Bussi, em 1973. E apesar de ter dado asilo a um grande número de intelectuais sul-americanos, foi responsável pela perseguição e morte dos guerrilheiros mexicanos Genaro Vázquez (1972) e Lucio Cabañas (1974).<sup>9</sup> Mesmo assim, os reflexos da Revolução Mexicana e do apoio a Cuba ainda se faziam presentes na Universidade e favoreceram a acolhida aos exilados provenientes de todas as ditaduras de segurança nacional da América do Sul.

O Chile viveu, entre os anos de 1970 a 1973, uma situação especialmente favorável ao acolhimento da esquerda latino-americana. Enquanto Brasil, Argentina, Bolívia e República Dominicana experimentavam as dramáticas consequências das ditaduras civil-militares, a sociedade chilena vivenciava a original experiência do governo socialista de Salvador Allende. A “*via chilena ao socialismo*” embalava o sonho de toda a esquerda latino-americana, que estava, a essas alturas, aterrorizada pelas ditaduras de segurança nacional. Por isso, o Chile recebeu grande parte dos intelectuais brasileiros e argentinos que fugiram da perseguição, da prisão e dos inquéritos.

Neste sentido, ainda que os exilados no México e no Chile padecessem com a perda de “*raízes*” decorrente dessas situações extremas, simultaneamente, sobrevinha a descoberta de “*radares*” que permitiam aos intelectuais conhecer novas culturas e estabelecer contatos que tiveram efeito altamente positivo no seu crescimento profissional e pessoal.<sup>10</sup> Neste sentido, há diversos depoimentos de intelectuais de esquerda sobre a acolhida recebida em terras chilenas e mexicanas que mencionam atitudes solidárias e a formação das interconexões acadêmicas, profissionais e pessoais, evidenciando a existência do que Moutoukias chamou de “*personas concretas y efectivamente vinculadas*”.<sup>11</sup>

Entre os depoimentos mencionados, selecionei dois como exemplo: Ruy Mauro Marini relatando a sua chegada no Chile:

---

<sup>9</sup> Além disso, exilados que se envolviam em assuntos políticos internos do país eram perseguidos e, no limite, convidados a se retirar, como foi o caso de Rui Mauro Marini, ver Wasserman, 2017.

<sup>10</sup> Em referência ao título do livro ver Rollemberg, 1999.

<sup>11</sup> Moutoukias: 1995: 221-241.

*Ali estavam grandes amigos meus, como Vânia e Theotônio, junto a uma vasta colônia de exilados brasileiros, que enquanto estive no Chile, contou, em momentos diversos, com Darcy Ribeiro, Almino Afonso, Guy de Almeida, José Maria Rabelo, Maria da Conceição Tavares; em pouco tempo, eu faria novas amizades entre os chilenos e hispano-americanos, como Tomás Vasconi, Inés Reca, Pío García, Orlando Caputo, Roberto Pizarro, Aníbal Quijano, reencontrando também André Gunder Frank, que lecionava na Universidade do Chile, e sua esposa, Marta Fuentes”.<sup>12</sup>*

Ou de Tomás Moulián:

*Hay que pensar en la revista Chile América, que organiza Viera Gallo. Esta Raul Ampuero abí en Italia. Después, el seminario de Chantilly que organiza Jorge Arrate. Los seminarios que hace Jorge Arrate en Amsterdam, en el Instituto para el Nuevo Chile, eso nos pone en contacto con los compañeros que están en el exilio y permite la introducción de nuevos temas, nuevos actores.<sup>13</sup>*

Os contatos entre os intelectuais exilados de vários países foram facilitados pela acolhida em instituições acadêmicas e de pesquisa, entre as quais destacam-se o Centro de Estudos Sócio-Econômicos (CESO) da Faculdade de Economia da Universidad de Chile; o Centro de Estudios de la Realidad Nacional (CEREN) da Universidad Católica de Chile; o Instituto para el Nuevo Chile (INC); a Facultad Latino-americana de Ciencias Sociales (Flacso-Chile) em Santiago do Chile; o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) em São Paulo; o Centro de Estudios Internacionales (CEI) no Colégio de México (COMEX); e o Centro de Estudios Latino-americanos (CELA) na Universidad Nacional Autónoma de Mexico (UNAM), entre outros que contribuíram para conectar a inteligência latino-americana de esquerda no período das ditaduras de segurança nacional. Algumas dessas instituições abrigaram exilados como, por exemplo, o CESO que acolheu o grupo formado por Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini. Outras como o CEREN, por exemplo, serviu de abrigo para os intelectuais de esquerda chilenos, tais como Manuel Antonio Garretón, Tomás Moulián e Norbert Lechner. O CEBRAP foi criado por um grupo de professores, em sua maioria afastados das universidades pelo regime militar, entre eles estavam Fernando Henrique Cardoso,

---

<sup>12</sup> Memória, Disponível: [http://www.marini-escritos.unam.mx/001\\_memoria\\_marini\\_port.html](http://www.marini-escritos.unam.mx/001_memoria_marini_port.html)

<sup>13</sup> Sader; Gomes Leyton & Tarcus, 2008: 129-174 e p. 151.

Paul Singer, José Arthur Giannotti, Francisco de Oliveira e Elza Berquó. O CEI, o CELA e a FLACSO abrigaram em momentos distintos muitos dos nomes acima mencionados quando de sua passagem pelos exílios mexicano e chileno. Essas instituições organizavam seminários, mesas-redondas e oficinas, reuniam grupos de pesquisa e de discussão da conjuntura, editavam livros e revistas denunciando os abusos aos direitos humanos na América do Sul, servindo de abrigo aos intelectuais exilados, quase todos provenientes das ciências sociais e humanidades, e projetando o futuro dos países submetidos às ditaduras.

Os intelectuais de esquerda conectaram-se também através de publicações periódicas que contribuíram para aglutinar a esquerda no exterior,<sup>14</sup> para divulgar as atividades de resistência e para promoção de discussões teóricas. Os principais temas desses debates e projeções eram a democracia, o socialismo e a possibilidade de convergência/convivência entre o regime democrático em um sistema socialista. As publicações produzidas clandestinamente no Brasil, Chile e Argentina, assim como os periódicos produzidos no exílio europeu evidenciam os temas que circulavam durante a vigência das ditaduras e as mudanças de ênfase nos debates à medida que se aproximava a redemocratização. Tanto as publicações como as instituições que abrigaram os intelectuais durante as ditaduras foram responsáveis pela constituição de redes em situações dramáticas, capazes de instituir vínculos extremamente duradouros.

No México, os brasileiros publicaram durante alguns meses (junho a outubro) do ano de 1964 o *Correio Braziliense*, fundado por representantes do movimento sindical agrupados na Organização dos Exilados Brasileiros no México (OEBM). Os exilados brasileiros também publicaram no Chile a revista *Resistência*, entre 1969 e 1972, e *Brasil Socialista* era editado na Suíça entre 1975 e 1977.<sup>15</sup> O jornal *Brasil Mês a Mês na Imprensa* era publicado em Moscou, entre 1975 e 1979 por integrantes do Partido

---

<sup>14</sup> Não significa dizer que a reunião em torno de periódicos e de organizações do exílio tenham servido para amenizar conflitos que ainda existiam em torno da adesão à luta armada. Os críticos da luta armada chegaram a considerar a alternativa do socialismo como arroubos juvenis, ver Aarão Reis Filho – “os movimentos revolucionários dos anos 60 como uma grande aventura, no limite da irresponsabilidade: ações tresloucadas. Uma fulguração, cheia de luz e alegria, contrapontos trágicos, muita ingenuidade, vontades, desejos, ilusões. (...) seus personagens, simpáticos incompetentes em busca da utopia inalcançável”, Reis Filho, 1997: 102.

<sup>15</sup> Órgão oficial do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) e da Ação Libertadora Nacional (ALN), organizações que empreenderam inúmeras ações armadas no Brasil durante as décadas de 60 e 70.

Comunista Brasileiro.<sup>16</sup> A *Revista Brasil Socialista* era editada na Suíça, trimestralmente entre 1975 e 1977, representava uma proposta de coalização das tendências operárias da esquerda brasileira. Em Paris, os brasileiros exilados lançaram em 1970 a revista *Debate: Problemas da Revolução Brasileira*, que deixou de ser publicada em 1982, no Brasil. Uma das mais duradoras publicações do exílio brasileiro começou defendendo a luta armada numa primeira fase e, posteriormente, diante das prisões, tortura, morte de militantes, a revista revisou o apoio à guerrilha e passou a se preocupar com tema da redemocratização.<sup>17</sup> Todos esses periódicos serviram como abrigo para dar voz aos militantes, às organizações de esquerda e aos intelectuais envolvidos e para produzir informações no exílio que não podiam ser divulgadas nos países que viviam o autoritarismo. Ao mesmo tempo, os periódicos tornaram-se “lugares” de encontro dessas pessoas que tinham perdido temporariamente as suas raízes. Alguns desses militantes de esquerda e intelectuais só vieram a se conhecer no exílio.

Na Holanda, os chilenos publicaram a revista *Plural*, em Roma editavam a revista *Chile-América*, entre 1974 e 1983, em Paris e em Madrid publicaram a revista *Araucaria de Chile*, entre 1978 e 1989; no México, os chilenos publicaram uma revista socialista intitulada *Convergencia*.

Os intelectuais argentinos exiliados na Europa editavam o jornal *Sin Censura*, fundado entre outros pelo escritor Julio Cortázar. O jornal era editado em Paris, impresso nos Estados Unidos e distribuído em vários países da Europa e na América Latina de forma clandestina. No México a rede conhecida pelo acrônimo de “*argenmex*” publicou a revista *Controversia*, 13 números entre 1979 e 1981. Jorge Tula dirigiu a revista que tinha textos de Oscar Terán, Jose Aricó, Emilio Di Ípola, Juan Carlos Portantiero, Nicolás Casullo, Sergio Bufano, Ricardo Nudelman, Héctor Schmucler, Carlos Ábalo, Sergio Caletti. Em 1986, os mesmos intelectuais, Jorge Tula, Juan Carlos Portantiero e José María Aricó fundaram a revista *Ciudad Futura*, mantendo os laços de uma rede que se formara no exílio. *Ciudad Futura* desapareceu por completo, com algumas discontinuidades, apenas em 2004. As principais publicações dos exilados argentinos concentraram-se na Espanha que foi o país da Europa que

---

<sup>16</sup> As coleções de *Resistência*, *Brasil mês a mês* e *Correio Brasiliense* encontram-se atualmente disponíveis para consulta no Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (ASMOB), localizado no edifício do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> Pezzonia, 2011.

recebeu o maior número de exilados daquele país. Entre elas, destacam-se *Resumen de la actualidad argentina*, *Día a Día* e *Testimonio Latinoamericano*.

A distribuição dessas publicações no exílio também foi componente essencial para a constituição das redes, já que eram materiais quase sempre entregues de mão-em-mão aos interessados.<sup>18</sup> Tais publicações procuravam romper a censura imposta pelos regimes e informar sobre assuntos que, de outro modo, não chegaria aos locais do exílio. O mais relevante, porém, era a possibilidade de manifestação livre dos exilados. O acompanhamento dos assuntos debatidos nessas publicações revela as modificações de ênfase em cada tema, bem como a ressignificação de certos conceitos, como democracia e socialismo. Ao contrário dos intelectuais que permaneceram na América do Sul no período das ditaduras, os exilados tinham a oportunidade e mais liberdade para denunciar as arbitrariedades, abusos e violências dos regimes autoritários, discutir temas relevantes para a sociedades brasileira, argentina e chilena e projetar o futuro, planejando ações que respondiam às ponderações teóricas que vinham aflorando desde o exílio.

As atividades desenvolvidas nos ambientes acadêmicos e de pesquisa que abrigaram os militantes e intelectuais exilados, as publicações periódicas, as atividades editoriais foram elementos de um vínculo, sobretudo entre cidadãos de um mesmo país (argentinos com argentinos, brasileiros com brasileiros e chilenos com chilenos), que perdurou após a experiência do exílio.<sup>19</sup> O retorno, determinado pela anistia, no caso do Brasil, e pela crise final das ditaduras, nos casos do Chile e da Argentina, foi marcado por essas experiências e pela necessidade de readaptação. Esse retorno teve seus percalços, o que muitas vezes reforçou a rede construída no exterior. Conforme observou Rebolledo para o caso chileno, o retorno do exílio foi muito difícil, a reinserção à militância não foi de acordo com as expectativas e, muitas vezes, os

---

<sup>18</sup> As revistas e jornais produzidos pela colônia brasileira eram distribuídos, geralmente, entre a rede de relacionamento da equipe editorial que os publicavam, mas há relatos de que este material tenha sido colocado à venda em bancas de jornal e livrarias frequentadas por brasileiros, em outros casos havia “*uma lista de destinatários*” como era o caso do *Brasil Mês a Mês*, Barcelos & Ribeiro, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0976-1.pdf>

<sup>19</sup> Ainda que as diversas pesquisas sobre o exílio dos intelectuais argentinos, chilenos e brasileiros deem como certo o fato de eles formarem redes preferencialmente entre concidadãos, também é verdade que a bibliografia informa sobre a comunidade de latino-americanos perseguidos pelas diversas ditaduras do Cone Sul que compartilhavam os territórios, os ambientes e a experiência do exílio. Para Brasil ver Denise, 1999, para Chile Rebolledo, 2006: 167-194 e para Argentina, Patiño, 1998.

“*retornados*” não foram bem recebidos ou compreendidos pelos que ficaram dentro do país. Assim, segundo a autora, a tendência dos retornados, diante das dificuldades enfrentadas, foi

*juntarse entre ellos para combatir la soledad y el aislamiento y además para compartir la nostalgia del país de exilio, recrear las anécdotas, las comidas y las músicas de su segunda patria. Se fueron creando así las condiciones para la recreación de una comunidad mucho más pequeña y segmentada que la del exilio, pero igualmente protectora y acogedora.*<sup>20</sup>

Não foi apenas a experiência do exílio responsável pela formação de redes entre os intelectuais. A censura dentro dos países submetidos às ditaduras de segurança nacional obrigou os intelectuais que não se exilaram a viver nas sombras e em grupos, formando redes que se tornaram igualmente duradouras. A polêmica travada entre Julio Cortázar e Liliana Heker nas revistas colombiana *Eco* (artigo de Cortázar de 1978) e na argentina *Ornitorrinco* (artigo de Heker de 1980) sobre a possibilidade de resistência à ditadura por parte dos intelectuais no exílio e dentro do país, exemplifica as clivagens importantes entre os intelectuais. Polarizando “*os de dentro*” e “*os de fora*”, a polêmica também revela que no interior das ditaduras havia focos de resistência bem definidos. Enquanto Cortázar acusava a ditadura de cometer “*genocídio cultural*”, Heker reivindicava os avanços culturais apesar dos limites impostos pelo regime e exemplificava com as disputas que dividiam os que eram a favor ou contra a luta armada, os socialistas e os democratas, os favoráveis e os contrários à realização da Copa do Mundo de 1978 etc.<sup>21</sup>

Voltando às redes construídas no interior dos países submetidos ao autoritarismo, destaco a formação de “grupos de estudos” na Argentina, por exemplo, aludida por Pavón<sup>22</sup> que relata reuniões realizadas fora da Universidade, em geral na casa dos participantes, reuniões que ficaram conhecidas como “*universidade de las sombras*” ou “*de las catacumbas*”. Ao mesmo tempo, grupos de leitura de *O Capital* de Karl Marx disseminaram-se nas universidades brasileiras e no mundo todo. Um dos grupos de

---

<sup>20</sup> Rebolledo, 1996: 190.

<sup>21</sup> Para saber mais sobre a polêmica entre Cortázar e Heker, ver Pavón, 2012. Patiño (1998) também adverte para as querelas entre os exilados e os que permaneceram: “*la apertura de la esfera pública durante la transición y la llegada de los exiliados al país... permite poner en contacto circuitos intelectuales y diferentes modos de procesar los años de la dictadura*”.

<sup>22</sup> Pavón, 2012.

maior projeção no Brasil foi organizado pelo filósofo José Arthur Giannotti, na Universidade de São Paulo (USP), a partir de 1958, e reuniu, em uma primeira edição, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Francisco Weffort e outras importantes figuras da escola sociológica paulista,<sup>23</sup> praticamente todos posteriormente foram fundadores e sócios do CEBRAP, já mencionado.

Considerando essas redes que se constituíram não a partir da experiência do exílio, mas sim a partir da semiclandestinidade imposta aos intelectuais, Rollemberg menciona que: *“As esquerdas que retornaram do exílio enfatizaram as rupturas..., pouco sabendo sobre a sociedade com a qual lidariam nos anos seguintes, ignorando a zona cinzenta na qual ficara a enorme maioria dos brasileiros nos últimos 21 anos. Um passado incontornável no presente”*.<sup>24</sup> Além dos grupos de estudos e de leituras de *O Capital*, alguns coletivos de intelectuais de esquerda também se reuniram em torno de projetos editoriais. No Brasil, o semanário de humor *O Pasquim* reuniu entre 1979 e 1991 um grupo de jornalistas, cartunistas, escritores que driblavam a censura, enfrentavam a ditadura e conseguiam resistir;<sup>25</sup> em 1978, um grupo de escritores, cientistas sociais e gente da literatura começou a editar na Argentina a revista *Punto de Vista. Revista de Cultura* que nasceu em meio a mais absoluta repressão, resistiu à ditadura e procurou refletir criticamente sobre a realidade política do país.<sup>26</sup>

As transições à democracia nos três países colocaram em contato todas essas redes de intelectuais formadas durante a ditadura no exílio e na semiclandestinidade e impuseram a necessidade de adoção de novos esquemas teóricos e referenciais, muito diferentes daqueles que permitiam definir as experiências do passado. Por isso, o que se impôs aos intelectuais na época das transições foi o presente político que conduziu a um debate sobre o futuro e obrigou reinterpretações do passado. O presente era

---

<sup>23</sup> De acordo com as memórias de Roberto Schwarz em “Um seminário de Marx”, que participou em uma versão posterior de encontros deste grupo, *“na época os círculos de leitura de Marx se multiplicaram em todo o mundo, uma ‘coincidência’ que vale a pena examinar”*, *Jornal Folha de S. Paulo*, Caderno Mais! 08/10/1995, p. 2

<sup>24</sup> Rollemberg, 1999: 213-214

<sup>25</sup> A rede de nomes do Pasquim era bastante extensa, dentre os quais destacaram-se os cartunistas Jaguar, Ziraldo, Henfil e Millôr Fernandes, os jornalistas Paulo Francis, Tarso de Castro e Sérgio Cabral, os escritores Rubens Fonseca, Antônio Calado, o compositor Chico Buarque de Holanda e o cineasta Glauber Rocha, entre outros.

<sup>26</sup> A *Revista Punto de Vista* reuniu os intelectuais Carlos Altamirano, Maria Teresa Gramuglio, Ricardo Piglia, Beatriz Sarlo, Hugo Vezzetti, Adrián Gorelik, Rafael Filipelli, entre outros.

incerto,<sup>27</sup> para o futuro projetava-se a democracia e o passado era ora esquecido, ora lembrado, conforme os interesses do presente. Na transição é perfeitamente conhecida a situação da qual se está afastando, mas o ponto de chegada é sempre incerto, impreciso, sendo os sujeitos concretos envolvidos no processo de transição os responsáveis por indicar os caminhos, evitar desvios desnecessários, tomar atalhos, descobrir novas rotas e antever o ponto de chegada. O que caracteriza as transições nas sociedades humanas (a passagem de uma situação social, política, económica, cultural etc. para outra diferente da situação anterior) é a inexistência de um projeto definido para a chegada ou a existência de múltiplos projetos que simultaneamente rechaçam o status quo vigente, mas rivalizam entre si. O intelectual é, assim, atormentado pela incerteza do ponto de chegada, mas também pela imprecisão do curso e por suas limitações etc. A natureza dos processos de transição à democracia (controle das Forças Armadas, ocorrência de guerras, violência, anistias controladas, desorganização das oposições, radicalismos e/o conciliação com os ditadores) foi responsável pelas incertezas, definiu o papel dos intelectuais no processo em discussão e o destino das redes formadas no período imediatamente anterior.

## **Temas que acionaram e mobilizaram as redes**

Frente às incertezas do presente e diante do medo de retrocessos autoritários, a estabilidade política tornou-se o objetivo primordial, meio para garantir o processo de redemocratização. Apenas na Argentina, onde a transição teve traços de ruptura com o regime anterior, é que se discutiu com maior profundidade e mais imediatamente o passado, resultando inclusive nos julgamentos dos responsáveis por abusos aos direitos humanos. Nos outros dois países, o debate ocorreu com muito atraso, pois privilegiou-se a transição controlada. Mesmo diante dessa diferença, nos

---

<sup>27</sup> “Hoy se han deteriorado las certidumbres. Si en las dos décadas anteriores la historia aparecía como un repositorio donde los sentidos se iban ensamblando en un Sentido único, esta homogeneidad puede por lo menos ponerse en cuestión”, Sarlo, 1985: 5.

três países, a democracia transformou-se em uma ideia força com forte impacto na emergência de uma nova hegemonia dentro da comunidade acadêmica em geral.<sup>28</sup>

A produção dessa nova hegemonia e de uma nova cultura política exigiu dos intelectuais uma adesão mais consistente ao padrão institucional e um afastamento das alternativas revolucionárias que havia vigorado entre uma boa parte da intelectualidade de esquerda no período imediatamente anterior aos golpes militares e logo depois da intensificação dos regimes autoritários, além de uma avaliação crítica dos equívocos do passado.<sup>29</sup> Essa avaliação crítica envolvia a responsabilidade dos próprios intelectuais em relação à ditadura ou à transição e foi feita por argentinos como Beatriz Sarlo, brasileiros como Ruy Mauro Marini ou chilenos como Tomás Moulián:

*Estamos hoy enfrentados con todo nuestro pasado y ... allí no todas las condenas ni todas las acusaciones pueden tener a los militares como objeto. Nuestra autobiografía tiene un lugar abierto para nuestras responsabilidades: somos una parte de lo ocurrido en Argentina, y haber sufrido más no es una razón para que en la reconstrucción del pasado nos olvidemos de nosotros (...)*<sup>30</sup>

*(...) la mayoría de la intelectualidad brasileira de izquierda colaboró, de modo más o menos consciente, con la política oficial... En Brasil y en toda América Latina, la disputa por la obtención de los recursos... reconstituyó la elite intelectual sobre bases totalmente nuevas, sin cualquier relación con las que habían sustentado en la década de 1960.*<sup>31</sup>

*La necesidad de una redefinición del carácter democrático del socialismo tiene que ver con los errores que cometimos (la subvaloración de las libertades formales, y la incomprensión de la complejidad del Estado y de la estructura de clases) pero sobretudo con una crisis general del socialismo.*<sup>32</sup>

Os excertos acima revelam também o quanto a crise do socialismo atingiu a intelectualidade de esquerda latino-americana no exílio e, igualmente, alcançou os intelectuais que estavam nos países no momento de transição das ditaduras para a

---

<sup>28</sup> Spinelli, 2008: 13.

<sup>29</sup> Os excertos abaixo são alguns exemplos das autocríticas que fizeram alguns intelectuais sobre suas teses e atividades nos períodos definidos por esse artigo. A autocrítica em relação a erros ou equívocos foi de diversas naturezas, desde o colaboracionismo, a adesão à luta armada ou à insistência na tese de aliança com a burguesia, até aquela referida na nota núm. 11 sobre a militância como inconsequência juvenil.

<sup>30</sup> Sarlo, 1984: 02.

<sup>31</sup> Marini, 1991: 36.

<sup>32</sup> Moulián, 1983: 16.

democracia. Denotam também a preocupação com o papel dos intelectuais no processo e a necessidade de fazer uma autocrítica das suas responsabilidades. Mas, sobretudo, demonstram uma tendência ao abandono da matriz revolucionária e uma adesão a um novo padrão de comportamento dos intelectuais e da esquerda em geral. Assim, a reivindicação da democracia como ideia-força se impôs. Entretanto, como nem todos os intelectuais aderiram ao padrão mais institucional e nem todos adotaram uma atitude mais conciliadora, mantendo assim vigorosamente a reivindicação pelo socialismo, a democracia adquiriu uma dimensão polêmica, com gradações que iam desde a demanda pela democracia formal até os reclamos pela democracia socialista.

Entre as redes formadas durante as ditaduras, uma se destaca por refletir os problemas decorrentes dessa imposição do presente. O “Clube de Cultura Socialista” foi fundado em meados de 1984, em Buenos Aires, como resultado da fusão entre a rede composta em torno da revista “Punto de Vista”<sup>33</sup> e a rede formada pelos argentinos no exílio mexicano (os “*argenmex*”) com o objetivo de dar sustentação ao governo da transição, de Raúl Alfonsín. Apesar de originários de tradição marxista e socialista, os participantes dessa nova rede, resultado da fusão de outras duas redes, apoiaram a redemocratização como centro de um projeto de futuro para a Argentina. Os intelectuais do Clube de Cultura Socialista editaram a revista *La Ciudad Futura* a partir de 1986, onde tentavam debater a polarização entre democracia formal e democracia substantiva. A rede, entretanto, se rompeu em 1988 quando Alfonsín colocou ponto final nos julgamentos dos militares que cometeram crimes contra os direitos humanos.<sup>34</sup> O grupo originário da revista *Punto de Vista* retirou-se do Clube e não apareceu mais figurando no conselho editorial da revista *La Ciudad Futura*.<sup>35</sup> Esses movimentos de formação, interpenetração e rompimento de redes revelam a hierarquização dos temas que prevaleceram no período da transição, tornando perceptível o quanto a redemocratização mobilizou e dividiu os intelectuais.

---

<sup>33</sup> Ver nota núm.14.

<sup>34</sup> Através das Leis do Punto Final e Obediência Devida.

<sup>35</sup> Entre eles estão Carlos Altamirano, Jorge Liernur, José Nun, Beatriz Sarlo e Hugo Vezzetti.

Uma parte da intelectualidade, sobretudo aquela que havia se apropriado de uma leitura particular de Antonio Gramsci e considerando os supostos equívocos<sup>36</sup> cometidos pela parte da esquerda que defendera a radicalização na luta contra a ditadura, argumentavam a favor da priorização da democracia em detrimento do socialismo. Entre os autores que defendiam esta posição estavam, por exemplo, o chileno Manuel António Garreton e o brasileiro Francisco Weffort:

*la democracia política... era denunciada en el discurso como un conjunto de trampas y obstáculos que impedían la realización del conjunto de intereses populares y permitían la mantención de núcleos dominantes minoritarios y la reproducción de las desigualdades sociales.*<sup>37</sup>

*El hecho de que luchemos por la democracia política como un valor en sí no puede (ni debe) impedirnos de reconocer que la democracia política tiene que hacer a su prueba de validez y de eficacia.*<sup>38</sup>

Nesta versão não havia espaço para a democracia adjetivada, Weffort defendia, por exemplo, a “democracia em si” e Garreton criticava aqueles que consideraram, no passado, a democracia como um limite à realização dos interesses populares. Vale dizer que argumentavam a favor da instauração de regras, instituições e procedimentos formalmente democráticos, uma dimensão que os afastava do marxismo e de qualquer perspectiva socialista.

Polarizando com essa versão sobre a democracia formal ou democracia em si, encontram-se autores que defendiam a democracia como etapa tática para o socialismo, com a primazia para esse último. Entre esses autores encontram-se o chileno Tomás Moulián e o brasileiro Florestan Fernandes:

*Este intento de reconciliar la democracia y el socialismo, separados por malos entendidos y por la historia equívoca, nos parece una operación indispensable para pensar en la política inmediata o mediata; para reflexionar sobre el proyecto de una izquierda que viva ese periodo histórico no como una simple repetición del pasado.*<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> Ver nota núm. 25.

<sup>37</sup> Garreton, 1983: 30.

<sup>38</sup> Weffort, 1984: 94.

<sup>39</sup> Moulián, 1983: 175.

*“Carecemos com premência da democracia. Mas de uma democracia que não seja o tûmulo do socialismo proletário e dos sonhos de igualdade com liberdade das classes trabalhadoras.”<sup>40</sup>*

Florestan Fernandes integrou outra rede presente na transição à democracia no Brasil representada pelos intelectuais de esquerda que ingressaram no Partido dos Trabalhadores, entre os quais encontrava-se também o já mencionado Francisco Weffort. Defendiam a convergência entre democracia e socialismo com a primazia deste último, considerando a redemocratização como um passo tático.

Outros intelectuais defendiam a convergência entre socialismo e democracia, reconhecendo que no passado vigorara a defesa do socialismo em detrimento da democracia:

*Sobre los pilares de las ideas de “socialismo” y de “democracia” (y de democracia formal, acentuaría) puede constituirse esa síntesis de la que requiere hoy el movimiento socialista para reconquistar la unidad entre teoría y práctica, ética y política, ser y deber ser que constituyó durante muchos años la razón de su capacidad expansiva y transformadora, el secreto de su fuerza mítica.<sup>41</sup>*

*(...) la relación entre democracia y socialismo está en el mismo centro de la polémica actual del marxismo contemporáneo. Más aún: quisiera decir que si el marxismo no resuelve esa dificultad de la interacción entre ambos términos estará agotado como programa de la revolución contemporánea y quedará confinado como una teoría estatista de la acumulación del capital en sociedades atrasadas.<sup>42</sup>*

Os debates sobre a responsabilidade dos intelectuais e sobre democracia e socialismo mobilizaram as redes intelectuais formadas durante as ditaduras no exílio e dentro dos países, além de movimentarem as redes constituídas e/ou reforçadas na época da transição democrática. Em todas essas versões, a democracia surge com destaque incomum e aparece como bandeira para diversos direitos: cidadania, educação, moradia, trabalho, melhoria das condições de vida das classes trabalhadoras. Mesmo assim, observa-se pequenas diferenças entre esses intelectuais quando o assunto se refere às relações entre democracia e socialismo, o que revela fraturas no interior das redes formadas por esses autores no período da transição.

---

<sup>40</sup> Florestan, 1990: 159.

<sup>41</sup> Aricó, 1979: 13.

<sup>42</sup> Portantiero, 1979: 12.

## **Conclusão**

Diante da transição, os intelectuais brasileiros, argentinos e chilenos, reunidos por diversos laços que formaram redes, algumas muito duradoras, revisaram seu papel no mundo e na sociedade e procuraram recuperar a esfera da experiência como fundamental para a compreensão da sociedade, reconhecendo que eram sujeitos desse passado, que sofreram na própria pele os traumas da ditadura, que estavam suportando o peso da transição e que eram chamados a darem respostas imediatas acerca do presente e do futuro. Por isso, as redes constituídas em torno de grupos de apoio no exílio, de publicações periódicas ou na semiclandestinidade dos grupos de estudos ressignificaram durante a transição o aparato conceitual que fazia parte das preocupações intelectuais em passado recente, tais como a democracia, o socialismo, a própria transição, a memória, as relações temporais entre passado, presente e futuro.

Nos anos 1980, no ambiente transicional do Brasil, Argentina e Chile existiam múltiplos passados e múltiplas redes de intelectuais que se interpenetravam e colidiam: vencidos, vencedores, aqueles que haviam sofrido o exílio e aqueles que permaneceram nos países nas sombras das ditaduras, dos que haviam padecido das torturas e da repressão e dos que puderam escapar desse tipo de violência direta. As incertezas da transição e a ausência de clareza acerca desses passados tão diferentes entre si provocavam clivagens difíceis de superar, passados que eram irreconciliáveis entre si e que custavam muito a passar.

As mais diversas formas por meio das quais os intelectuais brasileiros, argentinos e chilenos vivenciaram o período ditatorial e a transição à democracia tornou impossível a reconciliação destes múltiplos passados, evidenciada nas formas como ocorreu o reingresso de cada intelectual mencionado nos espaços acadêmico, cultural e político depois da anistia. Para ter acesso privilegiado a estes espaços, foi decisiva a adesão dos pensadores brasileiros, argentinos e chilenos à ideologia da conciliação, o que não caracterizava, nem de longe, o pensamento unânime dos intelectuais. Por isso, muitos deles sofreram o ostracismo em sua própria terra natal, o que se chama de ensilo, o exílio dentro do seu país, mesmo depois de passado o período

autoritário. Sendo assim, a análise de redes evidencia que os espaços de socialização dos intelectuais, sejam revistas ou associações, universidades ou centros de pesquisa são espaços de reunião, mas também ambientes de conflito. Conflitos esses que tomaram muitas formas e que favoreceram a formação, a interpenetração, mas também a fragmentação dessas redes.

## BIBLIOGRAFÍA

- Aricó, J. M., 1979, “La crisis del marxismo”. in *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina.” México, núm.01, p. 9.
- Barcelos, T. A. & Ribeiro, A. P. G, 2009, “Militantes e jornalistas: A imprensa editada por exilados políticos brasileiros durante a ditadura”, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Rio de Janeiro – 7 a 9 de maio de 2009 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0976-1.pdf> [Consultado em março de 2022].
- Cueva, A., 1988, *Ideología y sociedad en América Latina*, Ed. Banda Oriental, Montevideo.
- Fernandes, F., 1990, *A Transição Prolongada: O período pós-constitucional*, Cortez Editora, São Paulo.
- Garretón, L. A., 1983, *El proceso político chileno*, Flacso, Santiago de Chile.
- Marini, R. M., “Memória”, Ruy Mauro Marini Escritos, Disponível em: [http://www.marini-escritos.unam.mx/001\\_memoria\\_marini\\_port.html](http://www.marini-escritos.unam.mx/001_memoria_marini_port.html) pp. 16 a 17 [Consultado em outubro de 2016].
- Moulián, T., 1983, *Democracia y socialismo en Chile*, Flacso, Santiago.
- Moutoukias, Z., 1995, “Narración y analisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica” in Bjerg, M., Otero, H., (Comp.), *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*, CEMLA –IEHS, Tandil, pp. 221 a 241.
- Nohria, N., Eccles, R. G., (Comp.), 1992, *Networks and Organizations: Structure, Form, and Action*, Boston, Harvard Business School Press.
- Patiño, R., 1998, “Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la argentina de los ochenta”, *Revista Interamericana de Bibliografía*, Disponível em: [Biblioteca Digital do Portal - Revista Interamericana de Bibliografía \(RIB\) - \(2\) - 1998 \(educoas.org\)](http://www.biblioteca.org.ar/revista/interamericana-de-bibliografia-(2)-1998-(educoas.org)) [Consultado em dezembro de 2015].
- Pavón, H., 2012, *Los Intelectuales y la política en Argentina. El combate por las ideas, 1983-2012*, Debate, ebook.
- Pezzonía, R., 2011, *Revolução em Debate: o grupo Debate, o exílio e a luta armada no Brasil (1970-1974)*, Dissertação de Mestrado, Unicamp, PPG Sociologia.
- <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000796187> [Consultado em março de 2022].
- Portantiero, J. C., 1979, “La democracia difícil”. Proyecto democrático y movimiento popular”. *Revista Controversia* núm. 1.
- Rebolledo, L., 2006, “Memorias del des/exilio” in Artigas, J; P., *Exiliados, emigrados y retornados: chilenos en América y Europa, 1973-2004*. Ril Editores, Santiago.
- Reis Filho, D. A. & Tapajós, R., 1997, *Versões e ficções: o sequestro da história*, Perseu Abramo, São Paulo.
- Rollemberg, D., 1999, *Exílio. Entre raízes e radares*, Record, Rio de Janeiro.
- Sader, E.; Gomes Leyton, J. C., Tarus, H., 2008, “Tomás Moulian: Itinerario de un intelectual chileno”, *Crítica Y emancipación*, 1, p. 129-174.
- Sarlo, B., 1985, *Revista Punto de Vista*, 25, p. 5.
- Spinelli, M. S., 2008, “La impronta de la “transición democrática” en la historiografía sobre la segunda mitad del siglo XX argentino”, *Estudios de Filosofía Práctica e História de las Ideas*, jul/diez, 10, p.2.
- Wasserman, C., 2017, *A Teoria da Dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*, FGV Ed, Rio de Janeiro.
- Weffort, F., 1984, *Porque Democracia?*, Brasiliense, São Paulo.